

política

PAINEL | **Fábio Zanini**
painei@grupofolha.com.br

Roupa nova

Partido do presidente Jair Bolsonaro, o PL avalia que é preciso reforçar sua imagem junto à população, aumentar a identificação com o governo federal e melhorar a presença em redes sociais. Parte das conclusões consta de uma série de pesquisas que a legenda fez em janeiro, como preparação para a eleição. A direção nacional também vai iniciar uma campanha de filiações, com o objetivo de aumentar o número de membros dos atuais 700 mil para 1 milhão até março.

ZONA DA DEGOLA Um problema que precisa ser atacado rapidamente é o fato de o PL ser apenas o décimo sexto partido em número de seguidores em redes sociais e buscas no Google. "O Bolsonaro, que é o rei das redes sociais, pode nos ajudar muito nesse aspecto", afirma o deputado Capitão Augusto (SP), vice-presidente nacional da legenda.

RELÓGIO Dirigentes partidários afirmam que a negociação entre PSDB e MDB para formar uma federação esbarra no prazo determinado pelo TSE para que esse tipo de acordo se concretize, o mês de março. Apenas se o período for dilatado, diz, será possível levar o projeto adiante.

O OUTRO O flerte de tucanos e emedebistas enfrenta uma série de entraves, sobretudo o apoio para presidente. Lideranças como Renan Calheiros (AL) e Eunício Oliveira (CE) já anunciaram apoio a Lula (PT).

SÓ O presidente do Novo, Eduardo Ribeiro, diz que o partido não fará parte de nenhuma federação. Segundo ele, a sigla recebe alguns convites, o mais concreto deles do Podemos, mas vê no modelo o mesmo problema que existia nas coligações.

DESVIO Para Ribeiro, também nas federações o eleitor corre o risco de votar em um candidato que tem uma ideologia clara e eleger outro que não tem relação nenhuma com a agenda do escolhido.

ANJO Ciro Gomes (PDT) pegou carona no Big Brother Brasil e criou uma paródia nas suas redes sociais. Ele faz a escolha do líder, como no programa, para falar de Lula e Dilma Rousseff, ambos do PT, Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (PL). Ao final, diz que, depois das alianças feitas nos últimos anos, todos os brasileiros estão no paredão.

PLUGADO O BBB de Ciro é parte da estratégia de aumentar o apelo entre os mais jovens e investir em redes sociais, sob orientação de João Santana.

TIROTEIO

“Ao negar que Bolsonaro prevaricou, o delegado rasgou o Código Penal e se mostrou mais um negociacionista da pandemia”

Do deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), sobre o delegado da PF William Marinho isentar o presidente quanto a denúncias na compra de vacina

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

Governadores se dividem entre renúncia e articulação por sucessores na eleição

Prazo para gestores deixarem mandato em caso de candidatura a outro cargo termina no início de abril, a seis meses do pleito

José Matheus Santos

RECIFE A dois meses do fim do prazo para desincompatibilização do cargo em caso de candidatura nas eleições deste ano, 25 dos 27 governadores têm os seus rumos políticos definidos nos estados.

Apenas dois, em fim de mandato, estão indecisos quanto à estratégia no ano eleitoral. Quatro devem deixar o cargo para disputar o Senado ou a Presidência da República, outros cinco preveem seguir no cargo até dezembro sem disputar as eleições, e o restante segue no governo para disputar a reeleição em outubro.

Visto como caminho para governadores reeleitos, o Senado está na mira de três governadores, todos no Nordeste. Camilo Santana, Flávio Dino e Wellington Dias querem representar Ceará, Maranhão e Piauí no Congresso, respectivamente, a partir de 2023.

A indicação de Camilo Santana para disputar uma cadeira no Senado já foi aprovada pelo PT do Ceará. O partido sinalizou que deseja a manutenção da aliança com partidos aliados ao governador, em um aceno ao PDT, partido do senador Cid Gomes e do ex-ministro Ciro Gomes, pré-candidato à Presidência.

O cenário mais cotado é que Camilo seja candidato ao Senado, podendo fazer a campanha presidencial do ex-presidente Lula no Ceará, e que o candidato a governador seja do PDT, que circularia com Ciro na campanha.

No Piauí, Wellington Dias quer repetir o feito de 2010. Naquele ano, ele renunciou ao cargo de governador para ser candidato ao Senado e venceu a eleição. A meta do PT do Piauí é lançar o secretário da Fazenda, Rafael Fonteles, para o governo e com Wellington candidato a senador.

“O ideal é sair do resultado das urnas com a eleição de presidente da República e com maioria suficiente para aprovação do projeto de reconstrução do Brasil que será apresentado nas eleições. Não ficar um governo refém do grupo tal, como nos últimos anos”, afirma Wellington.

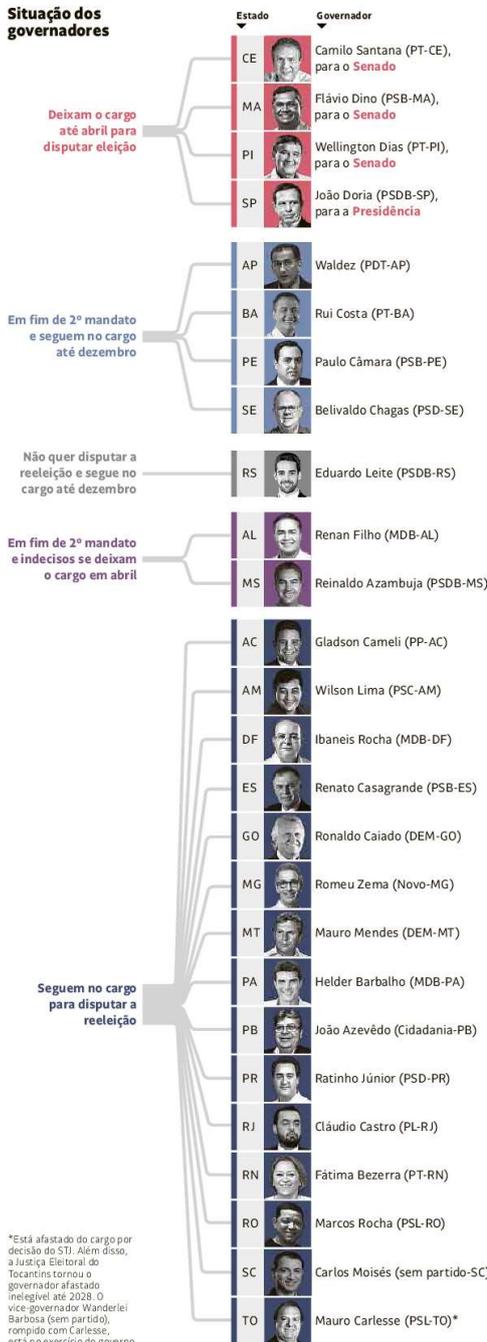
Aliado de primeira hora de Lula, o governador do Maranhão, Flávio Dino (PSB), já tem o apoio do PT para ser candidato ao Senado. Ele trabalha para evitar fissuras na sua base aliada que possam comprometer sua postulação ao Senado.

Isso porque Dino decidiu apoiar a candidatura do vice-governador Carlos Brandão (PSDB), que poderá migrar para o PSB, ao governo do estado. Já o senador Weverton Rocha (PDT) disse que manterá sua pré-candidatura ao Palácio dos Leões.

A expectativa de interlocutores de Dino é que, mesmo com a base do governo saindo com duas candidaturas, todos se unam em torno do atual governador para o Senado. Único chefe de Executivo estadual a se lançar na disputa presidencial, o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), vai fazer caminho parecido com 2018, quando deixou a prefeitura da capital paulista para ser candidato na eleição estadual daquele ano.

A partir de abril, Dória quer iniciar um período pelo país, começando pelos estados do Nordeste e por Minas Gerais, onde não pontua bem nas pesquisas de intenção de voto pa-

Situação dos governadores



*Está afastado do cargo por decisão do STJ. Além disso, a Justiça Eleitoral do Tocantins tornou o governador afastado inelegível até 2028. O vice-governador Wanderlei Barbosa (sem partido), rompido com Carlesse, está no exercício do governo

25 dos 27 governadores têm os seus rumos políticos definidos nos estados

ra a Presidência da República. Dória repete o percurso de outros que já governaram São Paulo pelo PSDB, como José Serra em 2010 e Geraldo Alckmin, e se lançaram para a disputa presidencial.

O governador do Amapá, Waldez Góes (PDT), já sinalizou à cúpula da sigla que ficará até o final do mandato no cargo. Um dos motivos é o desgaste da relação com o vice-governador Jaime Nunes (Pros), que se coloca como pré-candidato ao governo.

O mais provável é o apoio de Waldez ao ex-prefeito de Macapá Clécio Luís (sem partido) em uma aliança com o senador Davi Alcolumbre (DEM),

que busca a reeleição. Governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB) revelou em entrevista à Folha, em janeiro, a intenção de seguir na função até dezembro.

“O meu desejo é continuar até o final do governo e cumprir essa meta que me foi colocada pelo povo de Pernambuco. (...) Esse é um desejo também pessoal meu”, disse.

Câmara está em processo de escolha do candidato à sua sucessão pelo PSB. O mais cotado para concorrer é o deputado federal Danilo Cabral para a disputa. Em paralelo, o governador atua como interlocutor de Lula no PSB.

Continua na pág. A5